

OS CONTOS DE CYRO MARTINS NA REVISTA DO GLOBO

CYRO MARTINS'S SHORT STORIES IN REVISTA DO GLOBO

Fábio Varela Nascimento¹
Luiz Antonio de Assis Brasil²

RESUMO

Este artigo aborda um conjunto de nove contos publicados pelo psicanalista e escritor gaúcho Cyro Martins (Quaraí, 1908-Porto Alegre, 1995) na *Revista do Globo* nos anos de 1933, 1935, 1942, 1946, 1947 e 1949. Além de mostrar um autor integrado à dinâmica da Livraria do Globo, as narrativas indicam dois momentos da contística de Cyro Martins: as histórias da campanha vinculadas aos temas regionalistas e as histórias nas quais interessava mais o aspecto psicológico dos personagens. Para o desenvolvimento do estudo, afora as contribuições do escritor para a *Revista do Globo* e sua fortuna crítica, foram utilizados trabalhos sobre o periódico – Moreira (1999), Rüdiger (2003), Hohlfeldt (2021) – e breves conceitos relacionados a sistema literário – Candido (2010), Even-Zohar (2013) – e a contos – Gotlib (1995).

Palavras-chave: Cyro Martins. Contos. *Revista do Globo*.

ABSTRACT

This article approaches a set of nine short stories published by the psychoanalyst and writer from Rio Grande do Sul Cyro Martins (Quaraí, 1908-Porto Alegre, 1995) in Revista do Globo in the years 1933, 1935, 1942, 1946, 1947 and 1949. In addition to showing an author integrated to the dynamics of Livraria do Globo, the narratives indicate two moments in Cyro Martins' short story writing: the campaign stories linked to regionalist themes and the stories in which the psychological aspect of the characters was more interested. For the development of the study, in addition to the writer's contributions to Revista do Globo and his critical fortune, works on the periodical were used – Moreira (1999), Rüdiger (2003), Hohlfeldt (2021) – and brief concepts related to the literary system – Candido (2010), Even-Zohar (2013) – and related short stories – Gotlib (1995).

Keywords: Cyro Martins. Short Stories. *Revista do Globo*.

INTRODUÇÃO

Cyro Martins (Quaraí, RS, 1908 – Porto Alegre, RS, 1995) assumiu diferentes papéis ao longo de sua vida, sendo os dois principais o de psicanalista e o de escritor. Ele se diplomou pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre no final de 1933, especializou-se em Neurologia no Rio de Janeiro

1 Doutor em Letras PUCRS.

2 Escritor e professor da PUCRS.

em 1937 e fez a formação psicanalítica em Buenos Aires entre 1951 e 1955. Nos caminhos profissionais, ele atuou como clínico geral na cidade natal – médico de “parentes, pobres e putas” (MARTINS, 2000, p. 117) –, como neurologista do Hospital Psiquiátrico São Pedro e como psicanalista com consultório em Porto Alegre. Nas escolhas literárias, Cyro também mostrou versatilidade. Ele foi contista em *Campo fora* (1934) e *A entrevista* (1968); conquistou um espaço no sistema literário³ gaúcho com os romances sociais *Sem rumo* (1937), *Porteira fechada* (1944) e *Estrada nova* (1954); foi romancista histórico em *Sombras na correnteza* (1978), *Gaúchos no obelisco* (1984) e *O professor* (1988); flertou com a autobiografia em *Mensagem errante* (1942) e *A dama do saladeiro* – histórias vividas e andadas (1980); foi memorialista em *Rodeio* (1976) e *Para início de conversa* (1990) e fez crítica literária em *Escritores gaúchos* (1981) e *Páginas soltas* (1994).

No Rio Grande do Sul, na área da psicanálise, Cyro desempenhou um papel relevante. Ele foi um dos primeiros profissionais do estado habilitado pela Associação Psicanalítica Argentina (APA), ajudou a fundar e presidiu a Sociedade de Neurologia e Psiquiatria do Rio Grande do Sul, desenvolveu a prática da psicoterapia analítica de grupo e reuniu alguns dos seus trabalhos em *Do mito à verdade científica* – estudos psicanalíticos (1964), *A criação artística e a psicanálise* (1970), *O mundo em que vivemos* (1983), *A mulher na sociedade atual* (1984) e *Caminhos* – ensaios psicanalíticos (1993). Sua atuação significativa na área lhe rendeu a marca de pioneiro e algumas homenagens à sua figura podem ser vistas nos nomes de instituições porto-alegrenses, tais como a Associação de Psiquiatria Cyro Martins e o Instituto Cyro Martins de Psiquiatria e Psicoterapia.

Mesmo afirmando que escrevia apenas no “rabo das horas” (INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO, 1984, p. 6), Cyro foi um autor de produção larga – publicou quase duas dezenas de títulos ficcionais, memorialísticos, autobiográficos e críticos. Desse conjunto, a *Trilogia do gaúcho a pé*, formada por *Sem rumo*, *Porteira fechada* e *Estrada nova*, recebeu maior atenção do público e da crítica – por exemplo, Bernd (1977), Ketzer (1991) e Soares (2009). A fortuna crítica referente aos contos e aos textos autobiográficos é mais rara – Czekster (2003) e Bandeira (2012) – assim como a que trata de seus romances de cunho histórico – Weinhardt (2004), Genro (2008), Nascimento (2014). Já o foco deste artigo, a contribuição contística de Cyro Martins na *Revista do Globo*, afora citações encontradas em Nascimento (2019), não foi o alvo de nenhum estudo pontual.

3 Aqui, a noção de sistema literário está vinculada aos conceitos de Antonio Candido (“A literatura e a vida social”, 2010) – autor, obra, público – e de Itamar Even-Zohar (“Sistema literário”, 2013) – dinamicidade interna e externa, papel das instituições.

1 A Revista do Globo

Dando “ênfase, em boa parte de sua história, à literatura, mas transformando-se, gradualmente, numa revista de variedades” (HOHLFELDT, 2021, s/p.), a *Revista do Globo* circulou entre janeiro de 1929 e fevereiro de 1967, contabilizando 943 números. O quinzenário de cultura e vida social não era apenas um veículo de variedades que atingia diferentes faixas de público. Como diz Alice Moreira (1999, p. 109-110), a *Revista do Globo* “ajudou a construir” a identidade cultural do estado, pois destinava-se “à divulgação de tudo o que ocorresse, digno de registro”, no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo. Na composição de suas páginas havia textos, fotografias e propagandas, sendo que muitos dos anúncios eram vinculados aos produtos da Livraria do Globo.

Fundada em Porto Alegre no ano de 1883, a Globo oferecia serviços de tipografia, fotogravura, cartonagem, litografia e impressão, além de prestar assistência aos clientes da Royal. Os trabalhos editoriais se restringiam à publicação, em pequenas tiragens, de livros didáticos e literários. Contudo, na década de 1920, a firma entrou com força no mercado livreiro, publicando autores regionais e adquirindo direitos para “a distribuição exclusiva de grandes editoras europeias” (MOREIRA, 1999, p. 109). Isso gerou a necessidade de divulgação dos novos produtos, e a solução encontrada por Mansueto Bernardi, “mentor literário da Livraria do Globo” (MARCON, 1999, p. 124), e José Bertaso, seu diretor, foi a criação de uma revista ligada à marca Globo.

Conforme Elisabeth Torresini (1999, p. 57), na segunda metade da década de 1920, anúncios de publicações e notas sobre a atividade editorial da Livraria da Globo começaram “a aparecer sistematicamente” no *Correio do Povo* e no *Diário de Notícias*. Os dois jornais representavam aquilo que Francisco Rüdiger (2003) caracterizou como uma nova tendência na imprensa do Rio Grande do Sul: o afastamento do jornalismo político-partidário e a adoção da visão empresarial. O cenário político favorecia essa tendência, uma vez que a administração estadual de Getúlio Vargas tentou diminuir as hostilidades entre os borgistas e os assististas. Na Globo, imperava a visão empresarial e o momento se mostrava propício, como afirma Rüdiger (2003, p. 81): “A revista foi criada no vazio deixado pelo fracasso das publicações anteriores do gênero, devido à falta de sustentação econômica. A capital exigia uma nova revista, as elites viam nela uma necessidade cultural e havia o estímulo do próprio governador Getúlio Vargas”.

As circunstâncias políticas, econômicas e culturais favoreceram a Livraria do Globo, que assumiu o centro do palco na vida literária estadual. Arelada a esse protagonismo, a *Revista do Globo* tornou-se um dos mais sig-

nificativos veículos de divulgação, de circulação e até mesmo de legitimação de escritores no Rio Grande do Sul e no Brasil. Conforme Alice Moreira (1999), a *Revista do Globo* publicou textos literários de 1085 autores. Entre eles estavam nomes internacionais, nacionais e regionais. Cyro Martins vinculava-se ao último grupo.

2 Cyro Martins na *Revista do Globo*

A Globo foi uma⁴ das editoras mais importantes na carreira literária de Cyro. Pelo selo, ele publicou *Campo fora* (1934), *Enquanto as águas correm* (1939), *Mensagem errante* (1942), *Porteira fechada* (1944), *Paz nos campos* (1957) e *Do mito à verdade científica* – estudos psicanalíticos (1964). Em trinta anos, apenas dois livros do autor não saíram pela Livraria do Globo: *Sem rumo* (Editora Ariel, do Rio de Janeiro, em 1937) e *Estrada nova* (Brasiliense, de São Paulo, em 1954). Tanto a estreia de Cyro Martins nas letras quanto a consolidação de seu nome no sistema literário gaúcho estavam conectadas à marca Globo.

A primeira pista dessa conexão apareceu na *Revista do Globo* número 110, de 03 de maio de 1933. Naquela ocasião, o periódico chegou às bancas com um conto de Cyro, intitulado “Derrotado”. O escritor estamparia seus textos na revista em outras treze ocasiões: “Flete” (n. 119, 06/09/1933), “Conto sem nome” (n. 169, 28/09/1935), “Revelação” (n. 288, 25/01/1941), “Cena de pensão” (n. 295, 17/05/1941), “*Céu vazio*: a tristeza, a solidão e o senso de humor na poesia de Lila Ripoll” (n. 300, 26/07/1941), “Você deve desistir, Romualdo” (n. 321, 20/06/1942), “O gaúcho a pé” (n. 351, 23/10/1943), “A história do gaúcho marginal” (n. 359, 25/03/1944), “Triste meio-dia de um otimista” (n. 416, 10/08/1946), “Folhinha de outono” (n. 422, 09/11/1946), “O guri” (n. 426, 11/01/1947), “Por onde andarás o Zequinha?” (n. 433, 26/04/1947) e “A entrevista” (n. 476, 05/02/1949).

Esse conjunto de publicações abrange nove contos – “Derrotado”, “Flete”, “Conto sem nome” e “O guri”, que fizeram parte de *Campo fora*⁵, “Você deve desistir, Romualdo”, “Triste meio-dia de um otimista”, “Por onde andarás o Zequinha?” e “A entrevista”, que saíram em *A entrevista*⁶, e “Folhinha de outono”, que não teve publicação posterior; três capítulos de romances – “Revelação”, “Cena de pensão” (primeiro e sétimo capítulos da

4 Somente a Movimento, a partir da segunda metade dos anos 1970, lançaria um número maior de títulos do autor.

5 Na última edição de *Campo fora* (IEL/CELPCYRO, 2000), “O guri” aparece como “Guri” e “Conto sem nome” teve o título modificado para “Amor caipora”.

6 Nas edições de *A entrevista* de 1968 (Sulina) e de 2015 (Movimento), o título de “Você deve desistir, Romualdo”, foi modificado para “Você deve desistir, Osvaldo”.

segunda parte de *Mensagem errante*) e “O gaúcho a pé” (primeiro capítulo de *Porteira fechada*); um texto crítico – “Céu vazio: a tristeza, a solidão e o senso de humor na poesia de Lila Ripoll” – e uma espécie de análise social, histórica e econômica – “A história do gaúcho marginal” – vinculada à reportagem “Será este o nosso estado?”.

Com objetivos diferentes dos deste estudo, mas trabalhando com a *Revista do Globo*, Antônio Hohlfeldt (2021) escreveu sobre a busca de definição dos gêneros jornalísticos no periódico. Por meio da análise dos arquivos da revista, ele percebeu que havia certa confusão na categorização entre reportagem, entrevista, coluna e publicidade. Hohlfeldt (2021, s/p.) conclui que, em uma espécie de “licença poética”, a *Revista do Globo* preferiu ignorar novos conceitos jornalísticos para simplificar e facilitar ao leitor da revista”.

É possível que tal simplificação também tenha ocorrido com textos literários, especificamente com os de autoria de Cyro Martins. “Você deve desistir, Romualdo”, por exemplo, um conto mais extenso do que aqueles habitualmente estampados no periódico, foi classificado como novela. Quanto a “Revelação” e “O gaúcho a pé”, era mais fácil apresentá-los como contos do que como capítulos de romances. É importante salientar que, mesmo tratando as narrativas como contos, a *Revista do Globo* preparava os leitores para as novas obras de Cyro: em 1941, “Revelação”, parte de *Mensagem errante*, antecedeu a publicação do romance em 1942; em 1943, “O gaúcho a pé” antecedeu o lançamento de *Porteira fechada* em 1944.

Na dissertação *A interface literária “Revista do Globo”/Editora Globo*, Fabiana Teixeira (2004) apontou diversas estratégias utilizadas pela editora para divulgar e dar eco, nas páginas do periódico, às suas publicações – notícias sobre lançamentos, seções sobre escritores e livros, informações sobre os títulos mais vendidos. A antecipação de partes de romances, no entanto, não foi assinalada por Teixeira. Isso pode ter acontecido com as narrativas de Cyro Martins em um movimento estratégico bem pensado ou o acaso e a necessidade de preencher espaços em determinados números levaram a *Revista do Globo* a utilizar os textos do quaraíense.

Colocando de lado prováveis confusões sobre gêneros e possíveis estratégias da editora, o que se apresenta é um conjunto de nove narrativas ficcionais curtas de Cyro Martins publicadas na *Revista Globo*. Tais narrativas podem ser consideradas contos pela unidade do enredo, pela extensão, pelo tratamento dado aos personagens, ao tempo e ao espaço. Além disso, no caso de Cyro Martins, é preciso observar qual foi o destino que o autor deu aos textos.

Em *Teoria do conto*, ao tratar da dificuldade de definição do gênero, Nádya Gotlib (1995, p. 9) lembra de uma afirmação espirituosa e evasiva de Mário de Andrade⁷: “em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto”. Ao direcionar a frase de Andrade para a produção de Cyro Martins, é viável pensar que o escritor gaúcho batizou como contos “Derrotado”, “Flete”, “Conto sem nome”, “Guri”, “Você deve resistir, Romualdo”, “Triste meio-dia de um otimista”, “Por onde andarás o Zequinha?” e “A entrevista”, pois as oito histórias foram publicadas em livros de contos – as quatro primeiras em *Campo fora* e as outras quatro em *A entrevista*. “Folhinha de outono” não teve sobrevida na bibliografia de Cyro, mas pode ser considerado conto por se adequar às características suscitadas anteriormente.

A partir dessas definições e desses recortes, é possível dividir e analisar a produção contística de Cyro Martins na *Revista do Globo* em três momentos: os contos de *Campo fora*, os contos de *A entrevista* e o conto solitário, intitulado “Folhinha de outono”.

3 Os contos de campo fora

Este conjunto carrega as marcas do autor estreante, da campanha gaúcha como cenário predominante e da vinculação a uma corrente literária regionalista.

A trama de “Derrotado”, estreia de Cyro Martins nas páginas da *Revista do Globo* em maio de 1933, era simples e evocava motivos regionalistas. Isidoro Palma tenta voltar para casa depois de um dos tantos conflitos armados que ocorreram no Rio Grande do Sul. Não está muito claro na história, mas indícios como caça a inimigos e armas brancas apontam para a Revolução Federalista de 1893-1895. Na tentativa de retorno, pelas alturas do Caverá, o protagonista percebe que a montaria está quase sem forças e faz uma pausa para descansar. Como também estava exausto, o gaúcho adormece. Ao acordar, Isidoro vê que o cavalo morreu e que um piquete inimigo se aproxima. Personagem que encarna os valores da terra, é corajoso e brigador, Isidoro pega a “adaga fiel” (MARTINS, 1933, p. 57), espera o inimigo e a morte. “Derrotado” era uma estreia sóbria, sem arrebatamentos e sem novidades temáticas em relação aos contos de tom regional publicados por João Simões Lopes Neto, Alcides Maya e Darcy Azambuja.

Em setembro de 1933, “Flete”, a segunda contribuição para o periódico, não repetiu a clareza e a sobriedade de “Derrotado”. Como a narrativa

7 Originalmente, a afirmação foi publicada em “Contos e contistas”, *Revista Acadêmica*, São Paulo, n. 38, p. 19, agosto de 1938.

se mostrava confusa, era difícil entender de forma imediata o sentido daquilo que o autor pretendia contar. A história parece tratar, outra vez, de um peão e seu cavalo. Em um dia de trabalho no campo, o homem se viu envolvido “numa manada de eguada xucra” (MARTINS, 1933, p. 28). Se não fosse pelo flete, o peão não sairia com vida da confusão. Assim como ocorreu com “Derrotado”, “Flete” não apresentava nenhuma inovação temática, uma vez que retomava a imagem de união entre homem e cavalo explorada desde os tempos do Partenon Literário. Além disso, em “Flete”, fica ululante o Cyro leitor de Alcides Maya, principalmente quando observadas passagens como: “Solto o animal rebolcou-se rudemente na grama miúda, unimesmando-se com o chão acolhedor” (MARTINS, 1933, p. 28).

Publicado em setembro de 1935, na edição comemorativa ao Centenário Farroupilha e parte da seção “Os melhores regionalistas do Rio Grande do Sul”, “Conto sem nome” possui um tom saudosista e se desenvolve ao redor de Pedro Ajala, um tropeiro mais velho, que ainda se sente bem para o trabalho no campo, mas tem questões sentimentais mal resolvidas. Ajala se apaixona por Jovita, moça filha de um amigo, porém, ela está noiva de Nilo, um rapaz na flor de sua juventude. Vivido e andarengo, Pedro sabe que a situação é delicada e muitos receios o assombram: o medo de descobrir sua paixão, a vergonha pela qual passaria sendo apontado como um “velho bobo” (MARTINS, 1935, p. 36) e enrabichado por uma chininha. Ao visitar a estância onde a família da moça morava, Pedro Ajala fica sabendo que a relação entre Jovita e Nilo é inevitável e que o casal está apaixonado. Para evitar constrangimentos, Ajala sai da fazenda. Parece que a história de “Conto sem nome” é simples e corriqueira, contudo, a paixão por Jovita desperta outros sentimentos em Pedro Ajala. Ele lembra dos tempos de antes, tempos que considerava melhores pela liberdade, pela vida na campanha. Isso remete aos temas alcidianos, mas os supera: o saudosismo de Pedro Ajala se manifesta, principalmente, em relação a ele mesmo, ao que fora na juventude e às possibilidades que tivera quando rapaz.

O último dos contos de *Campo fora* publicado na *Revista do Globo* foi “Guri”. O texto apareceu em outro momento da carreira de Cyro Martins. Ao contrário do que acontecera em 1933 e 1935, em 1947, ele era um escritor experimentado e tinha uma posição consolidada na cena literária do Rio Grande do Sul. “Guri” era fruto de outros tempos e mostrava uma inocência que o autor já havia deixado para trás. Nilo, o guri do título, costumava brincar com seu cavalo de pau e o gado de osso. Em um dia de lida campeira, o índio Ricardo rodou com o cavalo, bateu na cerca e teve uma quebra-dura feia. Levado para perto da casa, Nilo viu o desfecho do peão: “O índio pediu um cigarro. Tragou uma pitada, e morreu” (MARTINS, 1947, p. 10). Como não poderia deixar de ser, o episódio impressionou Nilo. Dias de-

pois, sua brincadeira era outra: “com um cigarro apertado entre os dentes” (MARTINS, 1947, p. 10), ele se fingia de morto. A história é uma das mais curtas de Cyro, e o ar pueril perpassa a narrativa. Mesmo que tenha foco na infância, “Guri” não abandona algumas das características idealizadas do gaúcho: um homem enfrenta a morte com coragem.

4 Os Contos de *A Entrevista*

Os contos deste conjunto indicam um autor que busca se distanciar dos temas ligados à campanha e tenta construir personagens com maior densidade psicológica.

Publicado em junho de 1942, “Você deve desistir, Romualdo” antecipou em seis meses o lançamento de *Mensagem errante* e apresentou aos leitores um personagem que sofria com o alcoolismo e a falta de ação diante da vida. A bebida faz com que Romualdo perca o senso de realidade, passe “a agir por impulso e a ser conduzido passivamente pela mulher, pela polícia, por enfermeiros” (MARTINS, 1942, p. 46). Romualdo tem frequentes internações no hospício, vira um estranho para os filhos, não desperta na esposa nada além de indiferença. Tornando-se cada vez mais estranho e deprimido, sem conseguir se adaptar ao ritmo da sociedade, incapaz de “fazer parar a marcha dos homens para ele se incorporar” (MARTINS, 1942, p. 51), Romualdo se afoga nas águas do Guaíba. É interessante observar, na publicação de “Você deve desistir, Romualdo”, as informações sobre o texto que os redatores da *Revista do Globo* inseriram em uma caixa de texto: “A novela que aqui apresentamos nos mostra, de fato, um Cyro Martins com redobrada experiência literária” (MARTINS, 1942, p. 48). Ao elogiar “Você deve desistir, Romualdo”, a *Globo* exaltava o conteúdo do periódico e propagandeava um autor da casa.

“Triste meio-dia de um otimista” saiu na *Revista do Globo* quatro anos depois, em agosto de 1946. Juvenal, o protagonista, é um retratista que está sempre empolgado e com um sorriso pregado nos lábios. Ele encara a vida com um otimismo quase irritante: não se atrasará, conseguirá mais clientes, viverá bem com Dora, a esposa. No conto, Cyro Martins trabalha com a reversão de expectativas: Juvenal começa o dia no auge do otimismo, mas os pequenos percalços da existência se acumulam, e um final triste torna-se inevitável. A tristeza maior vem por meio de Dora, que não aguenta mais o marido nem sua devoção pegajosa. No meio-dia, ao voltar para casa, ele não encontra a esposa. Aturdido pela partida de Dora e pelos outros eventos ruins da manhã, Juvenal cai no sono. Ao despertar, a voz do narrador corta a narrativa para perguntar e responder: “O que teria acontecido com Dora? Nada de estranho na vida do otimista Juvenal. Era a terceira mulher

que o abandonava” (MARTINS, 1946, p. 55). Assim como ocorreu em “Você deve desistir, Romualdo”, “Triste meio-dia de um otimista” apresenta um desfecho melancólico, sem sinais de esperanças.

O tom fatídico se repete em “Por onde andaré o Zequinha?”, que apareceu na *Revista do Globo* em abril de 1947. Em um primeiro momento da história, a mãe e o avô procuram por Zequinha, um menino pintado como arteiro e endiabrado. O guri logo aparece, sujo e com jeito de quem aprontou. Rosa, a mãe, chora, faz drama e uma nova etapa da história tem início. Nessa etapa, Rosa é a protagonista e as circunstâncias do nascimento de Zequinha são lembradas. Infeliz no casamento, sem poder ter filhos e na esperança de que lhe deem um bebê para criar, Rosa arranja um romance entre Ritinha, filha de uma vizinha, e um caixeiro de venda. Os dois jovens se envolvem, geram a criança e o pai foge. Para evitar a vergonha, a família de Ritinha tenta afogar o recém-nascido, mas Dora o salva, considera o menino “o seu filho” (MARTINS, 1947, p. 71), leva-o embora e chama-o de Zequinha. Em “Por onde andaré o Zequinha?”, apresentando as circunstâncias do nascimento do guri e a rejeição pela qual ele passara, Cyro tenta justificar o mau comportamento de Zequinha e certas tendências sociopatas que o menino apresenta – desrespeito às regras, falta de empatia em relação a pessoas e animais. Junto com “Você deve desistir, Romualdo”, o conto sobre Zequinha é um dos que mais expressa a preocupação de Cyro com os aspectos psicológicos de seus personagens.

“A entrevista” foi o último texto de Cyro Martins publicado na *Revista do Globo* e é um dos contos mais maduros do autor. A história focaliza Augusto Amaral, um advogado e professor universitário, que aguarda o repórter de um jornal que faria uma série de entrevistas com “notáveis” da cidade. Amaral seria o nome para inaugurar a série. Disposto a valorizar o momento e fazer bonito, Augusto não quer saber da família, tranca-se no escritório e começa a imaginar um diálogo no qual todas as respostas sairiam claras e profundas. Depois de horas de espera e preparação, Augusto Amaral recebe um telefonema do tal repórter e vê suas expectativas ruírem: não haverá mais a entrevista, não haverá mais a série de entrevistas, tudo foi cancelado pelo diretor do jornal. Leão em debates imaginários e gatinho em diálogos reais, o advogado aceita as desculpas do repórter, tenta se recuperar da humilhação sofrida e se preparar para a resposta que daria quando a mulher lhe perguntasse: “Deste a entrevista?” (MARTINS, 1949, p. 52). O mérito de “A entrevista” está no jogo que Cyro faz com o desejo humano de se sentir diferente, especial e protagonista e a conseqüente frustração desse desejo. De todas as contribuições de Cyro Martins na *Revista do Globo*, a história de Augusto Amaral foi a mais bem acabada, a despedida digna das páginas do periódico.

5 O conto solitário

Publicado em novembro de 1946, “Folhinha de outono” é um dos contos mais peculiares no conjunto da produção de Cyro Martins. Ao contrário do que aconteceu com outros textos do autor, “Folhinha de outono” não teve sobrevida. As narrativas anteriores apareceram em *Campo fora* e *A entrevista*, mas o drama familiar envolvendo a menina Teresinha, os pais Antônio e Laura e a avó Leopolda não voltou a aparecer na bibliografia do escritor. Em uma manhã, Teresinha, com quatro anos, vê movimentos atípicos dos pais e percebe que algo está errado: é o pai quem a alimenta e a mãe olha para ela com tristeza.

Logo o leitor percebe que Antônio e Laura se encaminham para um posto de saúde e que a menina ficará com a avó. Laura não se dá bem com a sogra, porém, diante da gravidade do seu estágio tuberculoso, não restaram alternativas. Antônio só percebeu como a mulher estava mal na noite anterior, pois o dia a dia o deixava morto e, quando chegava em casa, “só queria descansar, brincar com a filha, trocar umas palavras com a mulher e dormir” (MARTINS, 1946, p. 54). Depois de ficar com a avó, Teresinha sentiu-se sozinha pela primeira vez em sua vida e se pergunta como seria a morte. Teresinha parecia ter percepções e reflexões incomuns para crianças de quatro anos, contudo, esse deslize não impede o fluxo do conto. Tal deslize não deve ter sido o responsável pelo apagamento da narrativa do currículo literário de Cyro Martins. Talvez os motivos estejam atrelados a certos traços autobiográficos que a história carrega (NASCIMENTO, 2019), mas isso não está na *Revista do Globo* e é tema para outro estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos de Cyro Martins publicados na *Revista do Globo* evidenciam dois pontos relevantes. Em primeiro lugar, é possível notar que por mais de quinze anos o escritor esteve envolvido com um periódico essencial para o funcionamento do sistema literário do Rio Grande do Sul. Estar ligado à *Revista do Globo* também significava estar em contato com a marca Globo e suas potencialidades: legitimação dos atores da cena literária gaúcha, alcance de mercado, capacidade de divulgar e de fazer circular obras. O segundo ponto suscitado pelas aparições na *Revista do Globo* diz respeito aos momentos literários de Cyro Martins. O conjunto de *Campo fora*, com três dos quatro contos publicados na década de 1930, mostra a vinculação às histórias da campanha e certo apego à veia regionalista que carimbava a literatura estadual desde o estabelecimento do Partenon Literário. Por fim, os conjuntos de *A entrevista* e de “Folhinha de outono” indicam o autor em outro nível da carreira, disposto a se afastar dos temas rurais, preocupado

com os aspectos psicológicos dos personagens e mais experimentado para trabalhar com o gênero conto.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Gisele Pereira. *Exílio e memória nos contos de Cyro Martins*. 101f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- BERND, Zilá. *O gaúcho a pé: estudo do romance social de Cyro Martins*. 100f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa) – Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1977.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a vida social. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010, p. 27-49.
- CZEKSTER, Gustavo Melo. *Horacio Quiroga e Cyro Martins: fronteiras, confluências*. 109f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Sistema literário. Tradução de Luis Fernando Marozo e Yana Karlla Cunha. *Translatio*, Porto Alegre, n. 5, p. 22-45, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/42900/27135>>. Acesso em: 29 jun. 2021.
- GENRO, Tarso Fernando. Cyro Martins: romance definitivo. In: MARTINS, Maria Helena; MOREIRA, Maria Eunice; KETZER, Solange Medina. *Múltiplas leituras: ensaios sobre Cyro Martins*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 139-142.
- GOTLIB, Nádya Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1995.
- HOHLFELDT, Antônio. *Revista do Globo em busca de definição quanto aos gêneros jornalísticos*. *Sepé*, Porto Alegre, v. 2, n. 5, março/junho de 2021. Disponível em: <<https://revistasepe.art.br/2020/08/27/revista-do-globo-em-busca-de-definicao-quanto-aos-generos-jornalisticos-antonio-hohlfeldt/>>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- INSTITUTO Estadual do Livro. *Autores gaúchos – Cyro Martins*. Porto Alegre: IEL, 1984.
- KETZER, Solange Medina. *A narrativa de Cyro Martins: uma história em trilogia*. 174f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

- MARCON, Itálico. Mansueto Bernardi. In: ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Novo Século, 1999, p. 124-125.
- MARTINS, Cyro. *Caminhos – ensaios psicanalíticos*. Porto Alegre: Movimento, 1993.
- MARTINS, Cyro. *Campo fora*. Porto Alegre: Globo, 1934.
- MARTINS, Cyro. Conto sem nome. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 169, p. 36-37, 28/09/1935.
- MARTINS, Cyro. *A criação artística e a psicanálise*. Porto Alegre: Sulina, 1970.
- MARTINS, Cyro. *A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 1980.
- MARTINS, Cyro. Derrotado. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 110, p. 14, 57, 03/05/1933.
- MARTINS, Cyro. *Do mito à verdade científica – estudos psicanalíticos*. Porto Alegre: Globo, 1964.
- MARTINS, Cyro. *A entrevista*. Porto Alegre: Sulina, 1968.
- MARTINS, Cyro. A entrevista. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 476, p. 50-52, 05/02/1949.
- MARTINS, Cyro. *Escritores gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 1981.
- MARTINS, Cyro. *Estrada nova*. São Paulo: Brasiliense, 1954.
- MARTINS, Cyro. Flete. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 119, p. 28, 06/09/1933.
- MARTINS, Cyro. Folhinha de outono. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 422, p. 52-54, 09/11/1946.
- MARTINS, Cyro. *Gaúchos no obelisco*. Porto Alegre: Movimento, 1984.
- MARTINS, Cyro. Guri. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 426, p. 10, 11/01/1947.
- MARTINS, Cyro. *Mensagem errante*. Porto Alegre: Globo, 1942.
- MARTINS, Cyro. *A mulher na sociedade atual*. Porto Alegre: Movimento, 1984.
- MARTINS, Cyro. *O mundo em que vivemos*. Porto Alegre: Movimento, 1983.
- MARTINS, Cyro. Nevoeiro denso. *A dama do saladeiro – histórias vividas e andadas*. Porto Alegre: Movimento, 2000, p. 116-122.
- MARTINS, Cyro. *Páginas soltas*. Porto Alegre: Movimento, 1994.
- MARTINS, Cyro; SLAVUTZKY, Abrão. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1990.

- MARTINS, Cyro. Por onde andará o Zequinha? *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 433, p. 52-54, 70-71, 26/04/1947.
- MARTINS, Cyro. *Porteira fechada*. Porto Alegre: Globo, 1944.
- MARTINS, Cyro. *O professor*. Porto Alegre: Movimento, 1988.
- MARTINS, Cyro. *Rodeio – estampas e perfis*. Porto Alegre: Movimento, 1976.
- MARTINS, Cyro. *Sem rumo*. Rio de Janeiro: Editora Ariel, 1937.
- MARTINS, Cyro. *Sombras na correnteza*. Porto Alegre: Movimento, 1978.
- MARTINS, Cyro. Triste meio-dia de um otimista. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 416, p. 52-55, 10/08/1946.
- MARTINS, Cyro. Você deve desistir, Romualdo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 321, p. 46-52, 20/06/1942.
- MOREIRA, Alice. Livraria e Revista do Globo. In: ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de; MOREIRA, Maria Eunice; ZILBERMAN, Regina (Orgs.). *Pequeno dicionário da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Novo Século, 1999, p. 109-110.
- NASCIMENTO, Fábio Varela. *Cyro Martins – os anos decisivos (1908-1951)*. Porto Alegre: Movimento, 2019.
- NASCIMENTO, Fábio Varela. *Literatura e história em “Gaúchos no obelisco”*. 98f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- SOARES, Alexandra Munareto. *Literatura e história: narrativas de opressão e silêncio em Cyro Martins*. 125f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2009.
- TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo: estudos sobre romances do Sul*. Curitiba: UFPR, 2004.

Recebido em 05/07/2021

Aprovado em 08/12/2021